

Disciplina: História – EJA 2 aulas semanais

Professora: Maria Helena Romero

E-mail: maria-hromero@educar.s.gov.br

Série: Modalidade 8

Turma: 80 e 81

Tema: Idade Média

Do Feudalismo ao Capitalismo Comercial

Responder às questões de final do capítulo

Para entender a descoberta e a colonização do Brasil, a partir do século XVI, é fundamental um estudo sumário da transição do feudalismo para o capitalismo comercial Europa dos fins da Idade Média (séculos XIV e XV).

Entre os europeus, o período medieval durou do século V ao XV e foi dividido em dois grandes momentos: a Alta Idade Média, do século V ao X, e a Baixa Idade Média, do século XI ao XV.

Uma idade das trevas

É errada a afirmação de que todo período medieval foi um tempo de obscurantismo e crise na sociedade européia. Essas características podem ser atribuídas apenas ao período da Alta Idade Média, iniciado com a queda do Império Romano do Ocidente iniciado pelos bárbaros germânicos.

fim do Império Romano do Ocidente

O antigo Império Romano organizou-se em torno do Mar Mediterrâneo, ocupando terras da Europa, do Norte da África e do Oriente Médio.

1. ORIGENS DO FEUDALISMO E A ALTA IDADE MÉDIA

Especialmente na sua parte ocidental, o Império começou a entrar em crise no século III da nossa era. A economia sofreu um processo de *atropamento**, causado pela crise do escravismo e por uma altíssima e persistente inflação que contribuiu para desestimular as atividades produtivas, e levou ao abandono de grande parte da agricultura e do artesanato. A crise econômica resultou em contínuas lutas sociais e políticas que enfraqueceram a autoridade imperial e abriram as portas às invasões de bárbaros germânicos e hunos.

No ano de 395 (século IV), em meio à crise, operou-se a divisão entre as partes ocidental e oriental do mundo romano. O Oriente, chamado Império Bizantino, durou ainda mil anos, prosperou fazendo comércio com a Índia, China e outros países orientais, e só desapareceu em 1453 com a tomada de Constantinopla pelos turcos. O Império do Ocidente morreu durante o século V, numa agonia lenta, enquanto suas terras eram ocupadas por diversos povos *bárbaros** originários da região da Germânia.

Da antiga civilização romana, a única instituição que permaneceu foi a Igreja Cristã. Surgido na Palestina, no século I da nossa era, o Cristianismo espalhou-se pelo mundo mediterrâneo. O número de cristãos crescia continuamente, não obstante as perseguições sofridas pela nova religião por parte das autoridades romanas. O Império Romano já se encontrava no auge da crise, quando o Cristianismo tornou-se religião oficial, passando a possuir um *clero** organizado. Com o fim do Império do Ocidente, os padres da Igreja passaram a converter os bárbaros germânicos ao Cristianismo, tarefa que só chegou ao fim por volta dos anos mil.

As origens do feudalismo na Europa dos reinos bárbaros

Devastada pelas contínuas invasões e lutas, a Europa Ocidental, a partir do século V, apresentava-se dividida numa série de reinos, com a perda da antiga unidade imperial romana. Continuou a desenvolver-se o processo de decadência econômica: o comércio declinou, a moeda lentamente desapareceu e as cidades esvaziaram-se. A reduzida produtividade agrícola e o declínio do comércio geraram uma tendência à auto-suficiência; as diversas regiões tendiam a produzir apenas para si.

Nos campos, a população tendia a agrupar-se em torno dos grandes senhores de terras buscando proteção, e a escravidão, extinta em grande parte nos momentos finais do Império Romano, foi progressivamente substituída pela servidão. O trabalhador *escravo* era instrumento de uso e de troca, isto é, trabalhava para o seu proprietário e, como mercadoria, podia ser vendido e trocado. O que mudou com a servidão? O *servo* era apenas instrumento de uso, não podendo ser trocado ou vendido. Ele e sua família apresentavam-se fixados a terra e deviam prestar, aos grandes senhores, inúmeros serviços obrigatórios, as chamadas *corvéias*. Recebiam uma parte da produção, mas eram obrigados ainda ao pagamento de inúmeros impostos.

A situação econômico-social dos camponeses-servos constituiu a base para a organização do modo de produção feudal que se implantou definitivamente na Europa depois de novas invasões, ocorridas a partir do século VIII.


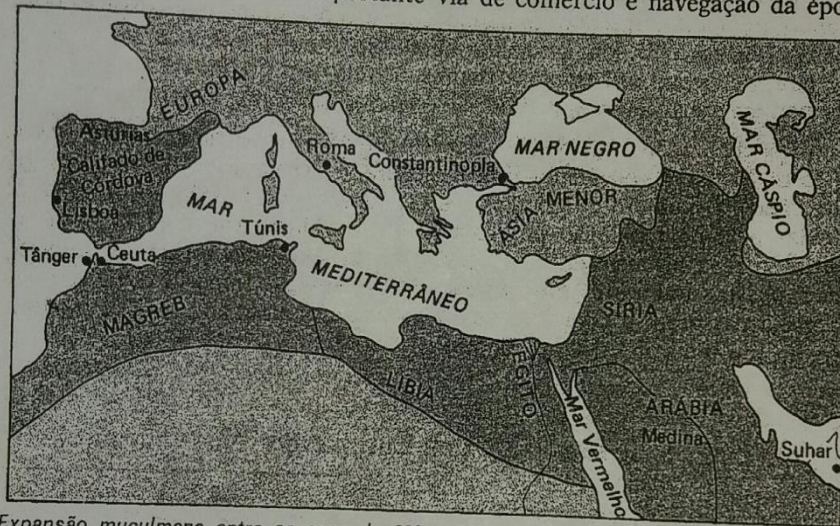


Fig. 2: A Europa dividida depois das invasões bárbaras (séculos V e VI).

2. BAIXA IDADE MÉDIA

Árabes, normandos e magiares

Organizados social e politicamente pela religião islâmica, os árabes, a partir do século VII, conquistaram extensos territórios no Oriente, chegando até a Índia e dominando o Oceano Índico e o Mar Vermelho com seus mercadores. Depois, expandiram-se para o Ocidente, conquistando o Oriente Médio, o Norte da África e a Península Ibérica. Tentaram conquistar a França, mas foram derrotados em 732 na Batalha de Poitiers. Dirigiram-se então ao Mediterrâneo que foi completamente dominado por eles, fechando-se para os europeus a mais importante via de comércio e navegação da época.



1. 3: Expansão muçulmana entre os anos de 632 e 750.

Enquanto os árabes atacavam o sul da Europa, a pirataria normanda devastava o litoral do Mar do Norte e do Mar Báltico, e os magiares com sua temível cavalaria assolavam a Europa Central.

Essas invasões do século VIII consolidaram tendências econômico-sociais, existentes desde o século V, e resultaram na implantação definitiva do modo de produção feudal com sua economia de subsistência baseada no trabalho servil.

No plano da vida política, os séculos VIII e IX presenciaram o triunfo das tendências descentralizadoras que datavam da crise do Império. Durante a maior parte da Idade Média o poder do Estado foi fraco. Por toda parte a autoridade dos reis era diminuída enquanto aumentava a dos grandes senhores feudais e a da Igreja.

A baixa Idade Média

Por volta dos anos mil começou a mudar a situação da Europa Ocidental. No norte europeu, os normandos cessaram os ataques, à medida que se radicaram no Noroeste da França e depois na Inglaterra. O mesmo ocorreu com os magiares que se estabeleceram na Hungria. O domínio dos árabes continuou restrito à Península Ibérica e do Mediterrâneo, mas logo apresentaria sinais de declínio.

Com o cessar das invasões, as colheitas melhoraram, a população começou a crescer e desenvolveram-se em diversas partes do continente formas rudimentares de comércio.

2.1 AS CRUZADAS E O COMÉRCIO

O movimento cruzadista

Durante o século XI completou-se a cristianização da Europa e por toda parte o sentimento religioso era extremamente intenso. A religiosidade explica, em parte, o desenvolvimento do cruzadismo entre os europeus. Deu-se o nome de Cruzadas às expedições militares, imbuídas de espírito religioso que os cristãos organizaram a partir do século XI, para lutar contra os muçulmanos. As cruzadas mais importantes dirigiram-se contra o Oriente Médio e, em princípio, visavam a libertação dos lugares santos do Cristianismo que tinham como centro Jerusalém, em mãos dos turcos. De grande importância foi também a luta cruzadista desenvolvida na Península Ibérica contra os mouros, num processo que durou séculos; foi conhecida como Reconquista Cristã e fez nascer os reinos de Portugal e Espanha.

Os cruzados diziam acreditar que ganhariam o céu participando da Guerra Santa, mas o principal fator que levou ao cruzadismo foi a fome de terras numa Europa superpovoada para as técnicas de produção da época.

No Oriente Médio, inúmeras expedições cruzadistas sucederam-se até o século XIII, sem atingir o objetivo declarado, ou seja, tomar a Terra Santa dos turcos. No entanto, o cruzadismo trouxe, para o Ocidente Europeu, resultados mais importantes.

O Mediterrâneo foi reaberto à navegação cristã, pois as expedições de cruzados, navegando por aquele mar rumo ao Oriente, liquidaram com o domínio árabe ali implantado desde o século VIII.

No Oriente Próximo, europeus dos mais diversos grupos sociais tomaram contato com civilizações diferentes, que apresentavam grandes novidades em termos de conforto material. Foi então que os europeus aprenderam a usar açúcar, especiarias, sedas, tapetes, porcelanas, perfumes e outros tantos produtos orientais que tiveram sua procura aumentada.

Os novos produtos passaram a ser vendidos pelas cidades italianas que se expandiram com as cruzadas pelo Oriente Médio, ali estabelecendo entrepostos comerciais. Enriquecidos por essa atividade comercial, as cidades italianas, especialmente Veneza, fecharam a bacia oriental do Mediterrâneo às outras nações européias, monopolizando o comércio com bizantinos e árabes.

O desenvolvimento do comércio

A partir do século XI, o comércio também crescia no litoral norte da Europa e noutras partes do continente. Nos mares setentrionais a atividade comercial baseava-se em produtos como peixe salgado, mel, madeiras, peles, couros, linho e cânhamo, e era controlada, principalmente, por uma *guilda* * de comerciantes alemães, a chamada Hansa Teutônica.

Os italianos e os comerciantes do Norte estabeleceram intensas relações comerciais nas feiras de Champagne, Flandres e das cidades da região renana.

Especialmente a partir do século XIV (anos de 1300), o comércio entre norte e sul passou a ser feito por rotas marítimas que passavam pela Península Ibérica, onde os portos de escala mais acessíveis encontravam-se no reino de Portugal, debruçado sobre o Atlântico.

As cidades portuguesas de Lisboa e do Porto tornaram-se animados pontos de encontro de comerciantes italianos, alemães, flamengos e ingleses, ao mesmo tempo em que se desenvolvia uma classe de mercadores nativa.

2.2 AS CIDADES E OS BURGUESES

Cidades medievais e a burguesia

O comércio fez renascer a vida urbana. As cidades tornaram-se extremamente numerosas por toda a parte e algumas delas chegaram a possuir 100 mil habitantes. Os primeiros núcleos urbanos reapareceram, geralmente em torno dos castelos medievais, os chamados burgos, e seus habitantes, ocupados no comércio, artesanato e manufaturas, foram chamados burgueses. Nasceu dessa forma uma nova classe social que muito cedo procurou ganhar independência em relação aos senhores feudais, em cujas terras haviam sedes envolvido as cidades.

A partir do final do século XII generalizaram-se as rebeliões urbanas contra os senhores, através do chamado Movimento Comunal que, iniciado na Itália, difundiu-se por toda a Europa Ocidental. Nessas lutas pela liberdade, as cidades que quase sempre terminaram vitoriosas, foram freqüentemente ajudadas pelos reis.

HISTÓRIA DO BRASIL

3 A CRISE DO FEUDALISMO E O SÉCULO XIV

A crise do feudalismo

Durante o século XIII, com a atividade comercial florescendo por toda a parte, o feudalismo atingiu o ponto máximo de seu desenvolvimento, e a partir daí passou a apresentar os primeiros sinais de uma crise que se agravou no século XIV.

Dois problemas ameaçavam a ordem feudal: a falta de novas terras para onde se expandir e a carência de mão-de-obra. No final do século XIII, chegava ao fim a expansão cruzadista para o leste, e os europeus deviam contentar-se com suas próprias terras, cuja produtividade era reduzida pela contínua exploração e pelo lento progresso das técnicas agrícolas da época. A população crescia mais lentamente, mas faltava mão-de-obra nos campos, pois era contínua a fuga dos servos para as cidades onde se tornavam homens livres.



Fig. 6: Cavaleiros feudais, provavelmente de categoria inferior, como parece indicar a pobreza dos trajes.

A crise do Século XIV

A falta de mão-de-obra tornou-se extremamente grave com a grande crise do século XIV, marcada por catástrofes que, parecendo anunciar o fim do mundo, só apresaram a liquidação do sistema feudal.

Primeiro foi a grande fome que, entre os anos 1315 e 1317, chegou a matar dez milhões de pessoas em toda a Europa. Algum tempo depois, de 1347 a 1350, mais de vinte milhões morreram com a Peste Negra, originária do Oriente. O continente foi também assolado por contínuas guerras, das quais a mais importante foi a Guerra dos Cem anos (1337-1453), entre França e Inglaterra.

As catástrofes do século XIV diminuíram consideravelmente a população, e nos campos, os senhores feudais aumentaram a exploração sobre os servos sobreviventes, fato que gerou grandes rebeliões camponesas, como a de Wat Tyler, na Inglaterra, em 1381, e a "Jacquerie", francesa, em 1382. Essas rebeliões foram esmagadas, mas foi depois delas que o sistema feudal começou a declinar, com os próprios senhores aceitando a substituição do trabalho servil pelo assalariado.

Crise e Desenvolvimento do comércio

As cidades também passaram por momentos críticos durante o século XIV, não só por causa das grandes catástrofes, mas porque a atividade comercial atravessou um período de estagnação, só superado no século XV.

No entanto, para as cidades e a nova economia, era uma crise de crescimento e não de morte. O comércio encontrava-se bloqueado no seu crescimento. De um lado sua expansão tornava-se difícil em termos geográficos: a bacia oriental do Mediterrâneo continuava monopolizada pelos italianos, e no Ocidente, o Atlântico afigurava-se um obstáculo intransponível e repleto de perigos tenebrosos. A outra causa da estagnação

4. ATIVIDADES

comercial foi a falta de moedas, uma vez que as minas europeias de ouro e prata apresentavam-se esgotadas.

O comércio europeu começou a superar esses obstáculos geográficos e monetários no início do século XV, principalmente quando o pequeno reino de Portugal devassou o Atlântico, obtendo na costa africana ouro e novas regiões para a troca, liderando o processo das grandes navegações oceânicas.

A crise do feudalismo e a expansão do comércio levaram ao desenvolvimento de monarquias nacionais fortes, em diversos países europeus, no momento em que a Idade Média ia chegando ao fim.

Fazer

EXERCÍCIOS

questões

1. Quais as principais características do período histórico iniciado com o fim do Império Romano?
2. Que diferenças existem entre um servo e um escravo?
3. Em termos políticos, como podemos caracterizar o sistema feudal?
4. Na passagem da Alta para a Baixa Idade Média que mudanças se processaram na Europa Ocidental?
5. Quais os principais resultados do movimento cruzadista?
6. Como surgiu a classe burguesa e que relações manteve ela com os senhores feudais e os reis?
7. Explique os principais fatores que contribuíram para a crise do sistema feudal.
8. Compare a crise do século XIV no campo e nas cidades.

Fazer

análise de texto

Leia o texto abaixo e responda à seguinte questão:

Quais foram, segundo o autor, os principais fatores da crise do sistema feudal?

"A desagregação do regime feudal no campo

Da mesma forma como em todos os regimes fundados na exploração do homem pelo homem, o tempo de equilíbrio e de criação do regime feudal foi de duração limitada. Na Europa, nos séculos XIV e XV, vemos eclodir e prolongar-se uma crise geral da sociedade feudal. Não é a última. Ainda que o declinar do mundo feudal dure relativamente menos tempo que o do mundo antigo, ocupa não obstante também vários séculos (XV — XVIII) até o momento em que uma nova classe — a burguesia — persegue conscientemente sua destruição e sua substituição.

No século XIV, torna-se evidente em todos os países da Europa Ocidental que o regime feudal tinha deixado de ser favorável ao desenvolvimento das forças produtivas. Nem a extensão, nem a intensificação da agricultura podem fazer frente ao aumento da população. Os arroteamentos detêm-se, as terras esgotam-se. Fomes terríveis, seguidas de epidemias, afetando sobretudo os mais pobres, sucedem-se com um ritmo bastante rápido. A 'Peste Negra' — 1347-1350 — é a mais célebre; mas o característico não é o aparecimento dessas calamidades (já haviam ocorrido muitas outras), mas a sua repetição e seu resultado: numerosas aldeias despovoadas, numerosas terras abandonadas. A constituição, por cima da estrutura política feudal, dos primeiros Estados nacionais provoca guerras terríveis (Guerra dos Cem Anos, entre a França e Inglaterra). Destruições que vão acompanhadas de grandes levantes camponeses: em 1382, a 'Jacquerie' na França do Norte; em 1381, a revolta dos trabalhadores na Inglaterra. Esses fenômenos são bastante gerais (são constatados também na Espanha e na Alemanha); em muitos casos são concomitantes. Não são, então, circunstâncias locais, mas uma crise de conjunto que os provoca."

Parain, Charles, "A Evolução do Sistema Feudal Europeu", in Santiago, Theo Araujo (org.), Capitalismo — Transição, Livraria Eldorado. Rio de Janeiro.

Obs: As atividades podem ser feitas no caderno de História.